

**REDES SOCIAIS *ONLINE* E A ARQUITETÔNICA BAKHTINIANA:  
AVALIAÇÕES AXIOLÓGICAS SOBRE (I)MIGRAÇÃO E REFÚGIO EM  
TEXTOS/ENUNCIADOS NO *FACEBOOK***

Izabel da Silva<sup>6</sup>  
(UNICAMP/IFPR)

**RESUMO**

A difusão das redes sociais na Internet acompanha uma mudança nas interações humanas e em seus princípios éticos e estéticos. Neste sentido, o presente artigo tem como objetivo analisar textos/enunciados que circulam na rede social *online Facebook*, referente à temática da situação de refúgio e imigração, bem como os discursos de xenofobia que dela decorrem. Para tanto, partimos, principalmente, da Arquitetônica bakhtiniana (Rojo e Melo, 2014), entre outras concepções teóricas do Círculo de Bakhtin, para realizar a análise dos enunciados que circularam na rede social citada. Para este recorte, escolhemos analisar três textos/enunciados verbais e não verbais: (i) *post(agem) com vídeo*, (ii) *post com transmissão ao vivo e comentários* e (iii) *postagem de um meme*, ambos perpassados pela temática que envolve questões de (i)migração e refúgio. A análise dos textos/enunciados nos possibilitou identificar uma relação entre os novos elementos composicionais e multissemióticos, que compõem a arquitetura da rede social *online*, com as valorações axiológicas difundidas pelos usuários no *Facebook*, construindo, assim, uma rede de sentidos.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Facebook*; Arquitetônica; Imigração/Refúgio.

---

<sup>6</sup> Doutoranda no Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Linguística Aplicada (PPG-LA) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em Sociedade, Cultura e Fronteira, linha de pesquisa Linguagem, Cultura e Identidade, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Professora da Educação Básica, Técnica e Tecnológica do Instituto Federal do Paraná, Campus Colombo, Paraná. izabeldasilva13@gmail.com

## ABSTRACT

The diffusion of social networks on the Internet accompanies a change in human interactions and in their ethical and aesthetic principles. In this sense, the present article aims to analyze texts/statements that circulate in the online social network Facebook, referring to the thematic of the situation of refuge and immigration, as well as the discourses of xenophobia that flow from it. For this, we start, mainly, from the Bakhtinian Architectonic (ROJO and MELO, 2014), among other theoretical conceptions of the Circle of Bakhtin, to carry out the analysis of the statements that circulated in the cited social network. For this clipping, we chose to analyze three verbal and nonverbal texts/statements: (i) post with video, (ii) post with live transmission and comments and (iii) posting a *meme*, both perpassed by the theme that involves issues of (i) migration and refuge. The analysis of the texts/statements allowed us to identify a relation between the new compositional and multisemiotic elements, which make up the architectural of the online social network, with the axiological values disseminated by users on Facebook, thus building a network of meanings.

**KEYWORDS:** Facebook; Architectonic; Immigration/Refuge.

## INTRODUÇÃO

Com o advento das novas tecnologias de informação e das mídias digitais, as redes sociais *online* (doravante RSO), como o *Facebook*, passaram a ter uma centralidade em nosso cotidiano. E por isso, temos acompanhado nos últimos anos, diferentes pesquisas e metodologias que visam estudar o impacto das mídias nas interações sociais e na cultura, bem como as mudanças nos processos de socialização.

Lemke (2010) destaca o papel dos letramentos multimidiáticos nesse processo, possibilitado pelas novas tecnologias, tanto seus efeitos (sociais, culturais, históricos) quanto para a sua autoria. Segundo o autor, nos dias atuais “qualquer um edita um áudio ou um vídeo em casa, produz animações de boa qualidade, constrói objetos e ambientes tridimensionais, combina-os com textos e imagens paradas, adiciona música e voz (...)” (2010, p. 472).

De acordo com Cogo (2012), as pesquisas do ciberespaço têm assumido relevância também para estudos acerca das migrações contemporâneas, principalmente para os processos de interação e organização dos migrantes. O uso de redes sociais *online* tem um papel fundamental para refugiados e (i)migrantes, seja na decisão de migrar, na instalação no país de migração, recriação de vínculos com os lugares de nascimento, assim como, nos processos de mobilização por direitos e cidadania (COGO, 2012, p. 45). No entanto, é também por meio das RSO em que discursos emergem, se difundem e são legitimados (RECUERO, 2016), a exemplo da problemática disseminação de discursos de ódio e de xenofobia, no Brasil.

Neste sentido, concordamos com Jacquemet (2005) sobre a importância de abordar nos estudos contemporâneos os efeitos da tecnologia e globalização que recaem sobre a linguagem e às práticas comunicativas, que tendem a modificar as formações sociais que “resultam da crescente mobilidade de pessoas, línguas e textos, sem esquecer de abordar as relações de poder assimétricas e penetrações engendradas nesses fluxos” (JACQUEMET, 2005, p. 261).

Por isso, o objetivo do artigo é analisar o uso da linguagem em textos/enunciados que circulam na rede social *online Facebook*, referente à temática da situação de refúgio e imigração. Na primeira seção, discorremos especialmente acerca do conceito de Arquitetônica bakhtiniana (ROJO E MELO, 2014), entre outras concepções teóricas do Círculo de Bakhtin. Na sequência, apresentamos algumas definições de redes sociais, com enfoque no ciberespaço (RECUERO, 2011, 2016; BUZATO, 2016). Para a seção de análise de dados, escolhemos três textos/enunciados verbais e não verbais: (i) *post(agem) com vídeo*, (ii) *post com transmissão ao vivo e comentários* e (iii) *postagem de um meme*, ambos perpassados pela temática que envolve questões de (i)migração e refúgio. As capturas de tela dos textos foram geradas entre os meses de maio e novembro de 2017, por meio de uma busca no perfil de diferentes participantes, comunidades, grupos e páginas da rede social *online Facebook*. Esperamos, com esse artigo, contribuir com o cenário de pesquisas na área da linguagem que visem ampliar as possibilidades de compreensão e reflexão acerca dos enunciados, dos discursos e das multissemioses presentes nas redes sociais *online*.

## O CONCEITO DE ARQUITETÔNICA BAKHTINIANA

O adjetivo “arquitetônico” remete no dicionário às definições da palavra “arquitetura”: “1. Arte de projetar e construir edifícios e monumentos. 2. Conjunto das construções de uma época, de um lugar etc. 3. Estrutura de uma construção (...)” (ABL, 2008). Os significados por trás dessa definição (arte, construção, estrutura, tempo e espaço) contribuem para a compreensão do conceito de *forma arquitetônica* na filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin.

Contrário ao reducionismo dos formalistas à estética do material, Bakhtin ([1979]2003) amplia o modo de conceber o processo de criação estético para além das questões de linguagem, ao considerar outros elementos no ato criativo, desprezados pelos formalistas, como o conteúdo ou a relação com o mundo. Na introdução de *Estética da Criação Verbal*, Bezerra explicita que para Bakhtin: “a verdadeira noção central da pesquisa estética não deve ser o material, mas a arquitetônica, ou a construção, ou a estrutura da obra, entendida como um ponto de encontro e de interação entre material, forma e conteúdo” (Bakhtin ([1979]2003, p. 5).

Com base em textos do Círculo de Bakhtin, Rojo e Melo (2014) assinalam que a concepção de arquitetônica remete a uma “unidade construtiva da obra”, isto é, um ponto de articulação entre a totalidade interna da materialidade do objeto (obra de arte, literatura) e sua relação com a realidade externa axiológica. No entanto, lembra as autoras, não se pode confundir a forma arquitetônica com a forma composicional, pois a primeira determina a escolha da segunda, sendo esta constituinte da primeira.



Arquitetônica de Bakhtin e seu Círculo

**Fonte:** ROJO e MELO, 2014, p. 11.

Como se observa no esquema elaborado por Rojo e Melo (2014), a forma “arquitetônica”, centralizada, constitui-se em uma totalidade interna, perpassada por elementos como: “material, forma, linguagens e suas modalidades e semioses, os plurilinguismos (...), as intertextualidades e subentendidos” (Idem, 2014, p. 16). E, por sua vez, compõe as relações externas da arquitetura: as avaliações axiológicas, ou seja, os valores éticos, estéticos, morais que constroem um objeto historicamente situado; o cronotopo ou posicionamentos espaço-temporais dos sujeitos que participam da interação verbal — autor-criador e contemplador; além do contexto maior e imediato de produção/efeito de sentidos e recepção de textos/enunciados.

Nas palavras de Bakhtin ([1979]2003, p. 153), “a arquitetura do mundo da visão artística não organiza só o espaço e o tempo, organiza também o sentido; a forma não é só forma do *espaço* e do *tempo*, é também forma do *sentido*”. Isso mostra, que para o filósofo russo, os componentes espaço-tempo-sentido que constituem a totalidade não existem de forma isolada. Desse modo, são significantes tanto o espaço e o tempo do homem e da sua vida, quanto o sentido atribuído ao objeto estético.

Consoante a Rojo e Melo (2014), ressaltamos a importância das concepções de signos, enunciado/enunciado concreto/enunciação, interação verbal, sujeitos sociais, estabelecidas pelo Círculo de Bakhtin; contribuindo para fundamentar a análise de um objeto “como construção arquitetônica, considerando-o na sua totalidade interna, orientado pelas avaliações axiológicas e situado histórico, social e ideologicamente” (Idem, p. 12).

Por isso, além da importância de buscar entender o universo dos sentidos, o conceito da forma arquitetônica e as importantes concepções bakhtinianas, elaboradas no século XX, ainda hoje, tem possibilitado compreender com mais propriedade os usos da(s) língua(gens) na sociedade e, inclusive, abrindo espaço para estudar o campo midiático e digital, a exemplo das redes sociais na Internet.

### **REDES SOCIAIS ONLINE: A ARQUITETÔNICA DO FACEBOOK**

Partindo de uma perspectiva transdisciplinar, própria das pesquisas em Linguística Aplicada, Buzato (2016) apresenta três concepções de *rede* importantes para o estudo das RSO: uma técnica, uma epistemológica e outra ontológica. A primeira

definição de rede é de cunho econômico e geográfico, refere-se a uma entidade material inserida no espaço e produtora território. A segunda é vista como uma topologia de laços entre pessoas, onde as redes sociais “são ferramentas de modelagem para o funcionamento (...) global de um conjunto social a partir de interações locais” (BUZATO, 2016, p. 38). E o terceiro conceito, como natureza do ser, a rede em si é um tecido ontológico constituído de vínculos que “geram” os atores em diferentes escalas, onde não há separação entre ator e contexto ou entre sujeito e objeto.

Recuero (2011) define uma rede social como um conjunto de dois elementos: *atores* (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e *suas conexões* (interações ou laços sociais). Os *atores* são as pessoas envolvidas na rede social que atuam de forma a moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sociais. No entanto, o que fica visível dos atores são suas representações na rede; no caso do *Facebook*, os perfis de usuário, que Recuero entende como “construções identitárias do ciberespaço” (RECUERO, 2011, p. 24-25).

As RSO se configuram como uma nova forma de espaço público, onde se mesclam características do suporte das trocas comunicativas com interações próprias dos grupos sociais. Recuero (2016) cita algumas dessas características como: escalabilidade, persistência, reprodutibilidade e buscabilidade. Conforme pontua a autora, essas características permitem que as mensagens sejam rapidamente difundidas, tenham ampla visibilidade, sejam facilmente reproduzidas e, conseqüentemente, que possam ser encontradas e recuperadas por sistemas de buscas.

É a partir dessa caracterização que compreendemos o *Facebook* como uma RSO ou um *site* de rede social, ao qual que permite a interação humana no espaço virtual. Para ser usuário dessa rede é necessário cadastrar-se por meio de *login* e *senha*. Conforme Rojo e Melo (2014), o *Facebook* pode ser analisado como uma *forma arquitetônica* que, ao mesmo tempo dá corpo à rede social, integrando diversas ferramentas, e possibilita a circulação de textos/enunciados com características de gênero discursivo, a exemplo da “postagem”. Nessa plataforma, por meio de sua *timeline*, o usuário pode compartilhar informações, *links*, vídeos e fotos e trocar mensagens restritas com outros usuários. Lembrem as autoras que, o caráter multissemiótico da rede tem possibilitado o conhecimento de novos letramentos como: ser capaz de “curtir”, “compartilhar”, “comentar”, produzir postagens, fazer vídeos, entre outros, que passamos a analisar na sequência.

## ANÁLISE DE DADOS

Partimos, principalmente, das concepções de forma arquitetônica (entre outras do Círculo de Bakhtin) para realizar a análise de textos/enunciados que circularam na rede social *Facebook*. Pois compreendemos que esses conceitos ampliam as possibilidades de reflexão acerca dos novos letramentos e das multissemioses presentes no espaço digital.

Para este recorte, escolhemos analisar três textos/enunciados verbais e não verbais: (i) *post(agem) com vídeo*, (ii) *post com transmissão ao vivo e comentários* e (iii) *postagem de um meme*, ambos perpassados pela temática que envolve questões de (i)migração. As capturas de tela dos textos/enunciados foram geradas entre os meses de maio e novembro de 2017, a partir de uma busca no perfil de diferentes participantes, comunidades, grupos e páginas da rede social *Facebook*.

Com base em Rojo e Melo (2014), vamos olhar tanto para os elementos internos que constituem a forma arquitetônica (material, forma, linguagens e suas modalidades e semioses, os plurilinguismos, as intertextualidades e subentendidos), quanto para os elementos externos (quem produziu, onde circula, a quem se destina, quem são os sujeitos sociais daquela dada interação, quais as circunstâncias imediatas e contextuais (momento histórico/cultural) que suportam esse texto/enunciado, as interdiscursividades, que circunstâncias evidenciam o caráter irreiterável e irrepetível do texto/enunciado, que determinam as significações e os sentidos construídos que regem, por sua vez, a responsividade dos enunciadores).

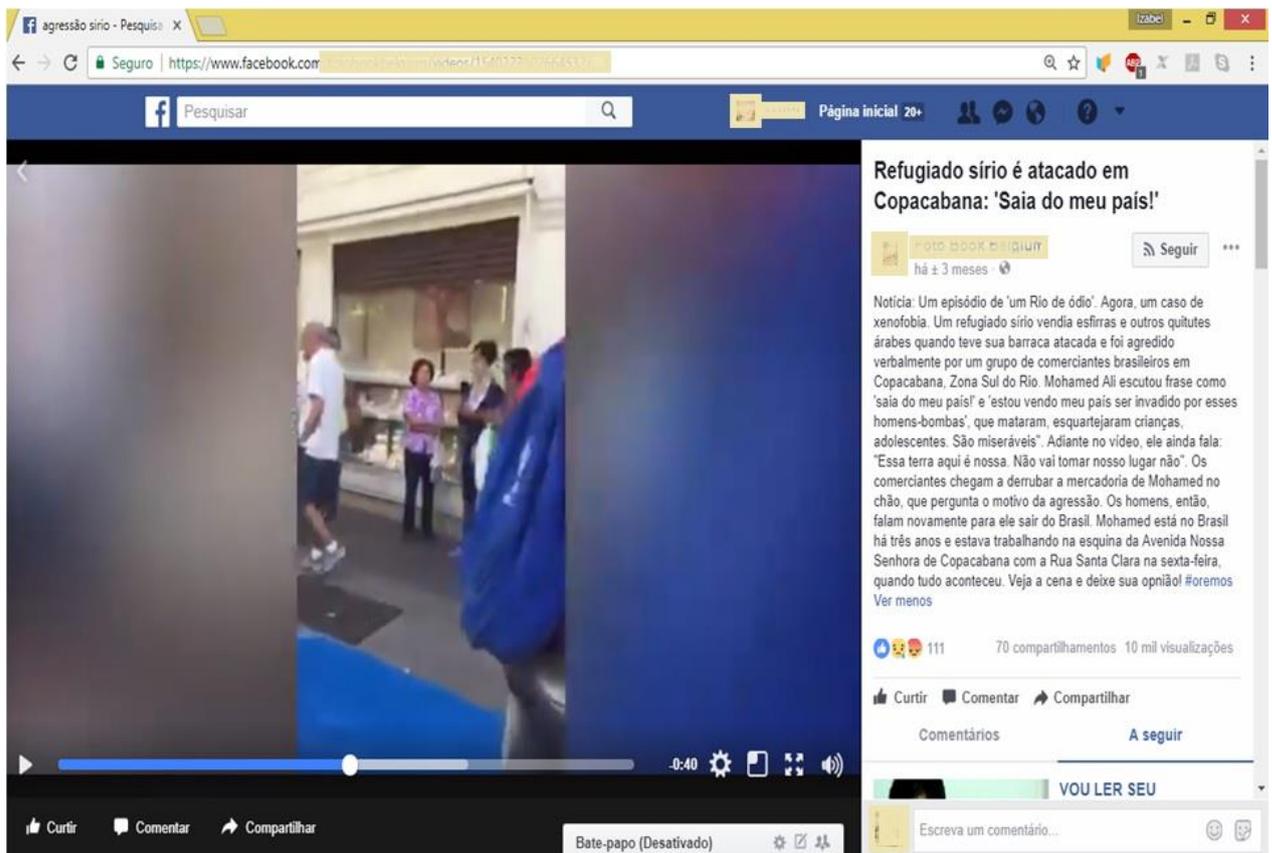


Figura 1- Refugiado sírio atacado em Copacabana



Figura 2 - Transmissão ao vivo do "Esfihaço"

A Figura 1 e a Figura 2 podem ser caracterizadas como “post” ou “postagem”, parte integrante da forma arquitetônica *Facebook*, e apresentam elementos formais constitutivos próprios dessa rede social, como as opções multissemióticas “curtir”, “compartilhar”, “comentar” e “seguir”, por tratar-se de uma publicação em uma *página*, além de símbolos como os “*emoticons*”. Os textos/enunciados da Figura 1 foram postados em uma página voltada aos brasileiros residentes na Bélgica (nomeada *Foto Book Belgium*) e, até a data da captura de tela, teve 10 mil visualizações, 102 comentários, 70 compartilhamentos e 111 reações entre curtidas e o uso *emoticons*. A postagem da Figura 2 teve um alcance maior e circulou por meio de uma “transmissão ao vivo” na página do jornal *O Globo* no *Facebook*, contabilizando 194 mil visualizações, 826 comentários, 429 compartilhamentos e 6,3 mil reações através de curtidas (cerca de 4.300) e o uso de *emoticons*. Essa grande diferença pode estar relacionada à representação e publicidade da página, considerando que ela é suporte de uma conhecida rede de notícias brasileira.

Mas por que discorrer sobre esses elementos formais (multissemioses)? Qual sua relação/importância com os elementos externos da arquitetura e com a avaliação axiológica?

Podemos começar a responder a partir da afirmação de Lemke (2010) de que “a língua isolada não constrói significado” (Idem, p. 456). Segundo o autor, vivemos em um tempo em que as tecnologias estão nos movendo da era da escrita para a era da autoria multimidiática, onde as “(...) notações verbais e textos escritos propriamente ditos são meros componentes de objetos mais amplos de construção de significados” (Idem, p. 456).

De igual maneira, podemos pensar a partir do caráter ideológico do *signo*, como teoriza Bakhtin (2006[1929]). Nas palavras do filósofo, “tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um *signo*. Sem signos não existe ideologia” (Idem, p. 29). Assim, todo corpo físico pode ser percebido como símbolo e toda imagem artístico-simbólica ocasionada por um objeto físico particular já é um produto ideológico. No entanto, quando o objeto físico se transforma em um signo ideológico ele não deixa de fazer parte da realidade material, mas passa a refletir e a refratar uma outra realidade. Neste sentido, quando um usuário curte, compartilha ou reage (com *emoticons*) a uma postagem no *Facebook*, como as apresentadas nas Figuras 1 e 2, ele não está só mostrando que sabe usar tais elementos formais, mais do que isso, ele está evidenciado seus posicionamentos e ideologias, ao registrar sua apreciação acerca do conteúdo.

Da mesma forma em que os sistemas semióticos servem para exprimir a ideologia, a palavra é o signo ideológico por excelência, diz Bakhtin (2006[1929]). É a palavra que registra as menores variações das relações sociais. Segundo o autor, a análise da palavra, ou seja, da enunciação deve ser compreendida “como uma réplica do diálogo social” (p. 17), que se dá na relação do discurso interior com o exterior.

Como a enunciação é ideológica, ela deve ser explicada dentro de um contexto social. Participam desse processo pelo menos um *locutor* e um possível *interlocutor*, onde o primeiro pensa e se expressa para um *auditório social* bem definido (BAKHTIN, 2006[1929]). No contexto da Figura 1, observamos a *postagem* de uma notícia intitulada *Refugiado sírio é atacado em Copacabana: “Saia do meu país!”*, articulada ao vídeo que originou a notícia. O texto/enunciado da notícia postada descreve o episódio que envolveu o ataque de alguns comerciantes brasileiros a um refugiado sírio, que vendia “esfirras” em uma barraca no Rio de Janeiro. O vídeo, provavelmente gravado pela câmera do celular de um anônimo, registra o acontecimento. Nele, um homem de nacionalidade brasileira, com dois pedaços de madeira nas mãos, ataca a barraca do comerciante sírio, onde verbaliza repetidamente: “Essa terra aqui é nossa!”, “Não vai tomar nosso lugar não!”, “Saia do meu país!”, e canta “Eu sou brasileiro, com muito orgulho, com muito amor!”. E o comerciante sírio questionando o ataque diz: “Por quê?”, “Eu *tem* licença!” (enquanto outro comerciante brasileiro profere: “Licença comprada!”).

O texto/enunciado da notícia postada (Figura 1) não traz uma autoria explícita, nem mesmo a informação que identifica a origem do compartilhamento. Apesar de a notícia não estar assinada por nenhum autor em particular nas duas páginas do *Facebook* (*Foto Book Belgium e O Globo*), rastreamos sua autoria pela sequência textual, sendo esta, originalmente, produzida e publicada por Gabriela Viana, no site oficial do jornal *O Globo* em 03/08/2017.

No entanto, essa necessidade de identificar o autor reflete uma preocupação fortemente ligada à mentalidade que envolve o paradigma do texto impresso, como argumentam Knobel & Lankshear (2007, p. 13): “*the dominance of the book as the text paradigm, social relations of control associated with “bookspace,” and a discernible textual “order” are integral to the first mindset*”. Os autores postulam que, diferente dessa mentalidade convencional, as interações na *Web 2.0* possibilitaram um “novo *ethos*”, onde os novos letramentos são mais “participativos”, “colaborativos” e “distribuídos”. Isto significa que eles são menos “publicados”, “individualizados” e menos “centrados no autor”.

Assim, a autoria do texto/enunciado da Figura 1 é atribuída ao usuário que realizou a postagem na página, tornando-se seu autor-reprodutor que, antes posição de contemplador, se apropria do conteúdo da notícia e a avalia como de interesse de seus interlocutores, os seguidores da página. Desse modo, observando o contexto axiológico e ideológico, é possível perceber que o autor-reprodutor da postagem está direcionando suas apreciações de valor — como aquele repudia a agressão a refugiados ou se reconhece na condição de refugiado — à sua audiência social, os seguidores da página *Foto Book Belgium*.

Na Figura 2, é possível observar outros elementos constitutivos na arquitetura do Facebook, como as formas composicionais da “transmissão ao vivo” e as reações dos usuários nos “comentários” do *post*, desvelando suas avaliações axiológicas. A função “*live streaming*” ou “transmissão ao vivo”<sup>7</sup> do *Facebook* fomenta ainda mais os recursos multissemióticos dessa rede social, possibilitando capturar em tempo real eventos e interações sociais.

A transmissão ao vivo (Figura 2), registrada na página do jornal *O Globo* no *Facebook*, data de 12 de agosto de 2017 e traz o seguinte enunciado: “*Esfição para ajudar sírio agredido no Rio lota esquina de Copacabana. Acompanhe agora ao vivo o evento! #JornalOGlobo*”. Na cena, um jornalista transmite o evento por meio da câmera de um celular, performando, ao mesmo tempo, dois papéis convencionais na mídia televisiva - repórter e cinegrafista.

À colisão entre a mídia antiga e a nova, onde as pessoas e as mídias corporativas se cruzam, na qual o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor de mídia interagem de maneiras imprevisíveis, Jenkins (2006) chamou de cultura da convergência. Para o autor, convergência significa “*the flow of content across multiple media platforms, the cooperation between multiple media industries, and the migratory behavior of media audiences*” (p. 12).

A convergência representa uma mudança no modo como encaramos nossas relações com as mídias (JENKINS, 2006). Na *live streaming* da Figura 2, a convergência se materializa a partir do gênero discursivo reportagem<sup>8</sup>. Além da diferença do veículo

---

<sup>7</sup> Esta função pode ser habilitada no perfil do usuário, por meio de um ícone indicado na parte inferior da janela de postagem. Para iniciar o acesso à interface, é necessário habilitar o microfone e a câmera do aparelho, intitular a transmissão e restringir a privacidade da audiência (individual, para os amigos da rede social ou aberta ao público).

<sup>8</sup> A Reportagem é um gênero discursivo/textual, considerado um texto jornalístico veiculado pelos meios de comunicação: jornais, revistas, televisão, internet, rádio, dentre outros. Suas principais características são:

de circulação da reportagem, notamos na locução do jornalista características da linguagem usada por “internautas” em contextos midiáticos *online* (“*Fala galera! Muito boa tarde a vocês que nos acompanham ao vivo agora no Facebook do jornal O Globo*”). O conteúdo temático (ataque ao refugiado sírio), difundido por meio das diferentes mídias (televisiva, site do jornal *online*, transmissão ao vivo em rede social), parece conduzir o autor-criador a expressar sua apreciação valorativa com uma liberdade que a televisão tentaria neutralizar. Durante a transmissão, o jornalista emite um juízo de valor (“*Estamos acompanhando o movimento chamado de Esfiação para ajudar o sírio agredido em Copacabana vítima de uma máfia de camelôs*”) a respeito dos agressores do refugiado.

Na Figura 2, também destacamos alguns comentários de usuários sobre o conteúdo da “transmissão ao vivo” na página do jornal O Globo. Os textos/enunciados refratam as valorações axiológicas da arquitetura, por meio dos diferentes posicionamentos ideológicos da audiência social.

O universo da cultura é intrinsecamente responsivo, ele se move como se fosse um grande diálogo. Com essa afirmação, Faraco apresenta as três diferentes dimensões das relações dialógicas de todo dizer, teorizadas pelo Círculo de Bakhtin: *a) todo dizer não pode deixar de se orientar para o “já dito”; b) todo dizer é orientado para a resposta e; c) todo dizer é internamente dialogizado* (FARACO, 2009, p. 59-60).

No comentário da Figura 2 (“*Povo babaca de vez contemplar os próprios ambulantes cariocas que estão nas filas por um alvará para poder trabalhar legalmente, vocês apoiam estrangeiros? Tá tudo errado nesse país*”), observamos o entrecruzamento de vozes sociais em uma relação de responsividade. Assim, o enunciado do usuário, ao mesmo tempo em que responde ao já dito (réplica à *live streaming* que transmitiu o evento do “esfiação”), gera diversas respostas (crítica às pessoas que foram ao ato apoiar o refugiado sírio, valorização dos ambulantes cariocas implica na desvalorização dos estrangeiros, recusa do alvará para estrangeiros etc). Em síntese, esse enunciado mostra como “os signos são espaços de encontro e confronto de diferentes índices sociais de

---

textos em primeira e terceira pessoa, temas sociais, políticos, econômicos, linguagem formal, objetiva, clara e dinâmica etc. Disponível em: <[www.todamateria.com.br/genero-textual-reportagem/](http://www.todamateria.com.br/genero-textual-reportagem/)>. Acesso em: 06 dez. 2017.

valor, (...) caracterizando o universo da criação ideológica como uma realidade infinitamente móvel” (FARACO, 2009, p. 54).



**Figura 3** - Meme imigrante maldito

Toda semiótica é semiótica multimídia e todo letramento é letramento multimidiático (LEMKE, 2010, p. 456). Os significados das palavras e imagens são diferentes em função dos contextos em que elas aparecem, mas não são fixos e aditivos. Conforme postula Lemke (2010), o significado da palavra não é a soma com o significado da imagem, mas sim, multiplicativo. Pois como explica o autor, “o significado da palavra se modifica através do contexto imagético e o significado da imagem se modifica pelo contexto textual” (Idem, p. 456).

Um exemplo dessa relação pode ser observado na Figura 3, por meio da forma composicional do *meme*, intitulado “Imigrante maldito”. Na postagem, misturam elementos verbais e não verbais. O *meme* corresponde a um gênero textual, um fenômeno que se torna viral ao ser propagado na internet (redes sociais, blogs, sites, e-mail, *whats app* etc), “em forma de *hiperlink*, vídeo, imagem, *website*, *hashtag*, ou apenas uma palavra ou frase, através das ou outros serviços de web, ou suportes textuais, nos quais ele, ou seja, vira mania entre as pessoas compartilhá-lo” (SOUSA, 2015, p. 8).

Neste viés, segundo Rojo e Melo (2014) a forma composicional do *meme* não é um todo em si e isolado, mas um elo na cadeia da arquitetônica de um dado perfil do *Facebook*. No entanto, a parte contém a essência do todo:

“autor-criador produz o texto no contexto de sua página (para deixá-lo disponível para o contemplador), com valorações específicas, atribuindo entoações expressivas (estéticas), com a finalidade de criar humor. Por sua vez, o contemplador que se apropria do texto torna-se co/criador e curte, comenta, compartilha, na sua linha do tempo do *Facebook*, ressignificando as valorações axiológicas (éticas, humorísticas e afetivas) com a finalidade de mandar “recado” a algum interlocutor, acompanhadas ou não de apreciações valorativas explícitas, como réplica ativa” (ROJO e MELO, 2014, p. 16).

Não é possível rastrear a origem do *meme* na Figura 3, mas presume-se que o autor-criador possa ser o proprietário da página da qual ele foi compartilhado (nomeada *Burguesia fede*). A produção do humor se dá por meio de um discurso irônico. No entanto, para que o efeito de sentido pretendido seja efetivo, é necessário que o contemplador reconheça a intertextualidade entre o enunciado do deputado Bolsonaro no *meme* e seu histórico como uma figura política polêmica (xenofóbico, homofóbico).

O texto/enunciado ilustrado no *meme* aponta, conforme Rojo e Melo (2014), para duas arquitetônicas: da construída pelo autor-criador e da construída pelo contemplador-re-produtor. Este último, por um movimento de *reblogging*, se apropria do discurso do *meme*, tornando-se seu co-autor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos textos/enunciados dessas figuras, por meio da Arquitetônica bakhtiniana, nos possibilitou identificar os elementos formais que compõem a rede social *online Facebook* e compreender como estes estão articulados às avaliações axiológicas dos usuários, construindo uma rede de sentidos, social, cultural e historicamente situada no tempo e no espaço. Observamos, também, como essa plataforma tem contribuído tanto para o aparecimento de novas formas de composição e/ou novos gêneros discursivos/digitais — a exemplo dos *posts*, comentários, *memes*, *live streaming* etc — como para mudanças no uso da linguagem e nas formas de interagir em sociedade, dentro e fora do espaço virtual.

Embora a análise das multissemioses e das práticas discursivas dos enunciados tenham contribuído para evidenciar certos posicionamentos ideológicos, ainda carecemos de pesquisas que tratem dos processos de *(des)reterritorialização* do (i)migrante e/ou refugiado, mediado pelas tecnologias digitais, no intuito de compreender seu impacto nas relações sociais e no ensino das *(trans)linguagens*, na contemporaneidade.

---

## REFERÊNCIAS

- ABL. Academia Brasileira de Letras. **Dicionário Escolar da Língua Portuguesa**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 2008.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, [1979]2003.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. [Trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi]. 12<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Hucitec, [1929]2006.
- BUZATO, M. El K. Três concepções para o estudo de redes sociais. In: ARAÚJO, J.; LEFFA, V. (Orgs.) **Redes sociais e ensino de línguas**: o que temos de aprender? São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 33-49.
- COGO, Denise. **Cidadania comunicativa das migrações transnacionais**: usos de mídias e mobilização social de latino-americanos, 2012.
- FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- GÊNERO textual reportagem. Disponível em: [www.todamateria.com.br/genero-textual-reportagem/](http://www.todamateria.com.br/genero-textual-reportagem/). Acesso em: 06 dez. 2017.
- JACQUEMET, M. Transidiomatic practices: language and power in the age of globalization. **Language & Communication**, n. 25, 2005, p. 257-277.
- JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Ed. Aleph, 2009[2006].
- KNOBEL, M.; LANKSHEAR, C. (Orgs.) **A new literacies sampler**. NY: Peter Lang, 2007.
- LEMKE, J. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Vol. 49, nº 2, 2010. Campinas, SP: IEL/UNICAMP.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. 2ª Ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

RECUERO, R. Discursos mediado por computador nas redes sociais. In: ARAÚJO, J.; LEFFA, V. (Orgs.) **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?** São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 17-33.

ROJO, R. H. R.; MELO, R. de. **Contemporary literacies and Bakhtinian architectonics**, 2014. Disponível em: <[www.pt.scribd.com/document/244591887/ROJO-MELO-arquitetonica-teoria-bakhtiniana-final-docx](http://www.pt.scribd.com/document/244591887/ROJO-MELO-arquitetonica-teoria-bakhtiniana-final-docx)> . Acesso em: 02 nov. 2017.

ROJO, R. H. R.; MOURA, E. **Letramentos, mídias e linguagens**. São Paulo, SP: Parábola Editorial, em preparação.

SOUSA, C. As relações dialógicas na produção de ‘memes’ na internet. **Littera Online**, n.10, 2015. Disponível em: <[www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/viewFile/3561/1597](http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/viewFile/3561/1597)>. Acesso em 06 dez. 2017.